



EMATER-AL
Empresa de Assistência
Técnica e Extensão Rural
do Estado de Alagoas
Vinculada à Secretaria
da Agricultura

UEPAE/PENEDO
Unidade de Execução de
Pesquisa de Âmbito
Estadual de Penedo.

SISTEMAS DE PRODUÇÃO PARA



Feijão Isolado e Consortiado com Milho

Revisados e Atualizados



EMBRATER
Empresa Brasileira de
Assistência Técnica e
Extensão Rural



EMBRAPA
Empresa Brasileira de
Pesquisa Agropecuária

VINCULADAS AO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Maceió

Abril - 1980

EMATER-AL
Empresa de Assistência
Técnica e Extensão Rural
do Estado de Alagoas
Vinculada à Secretaria
da Agricultura

UEPAE/PENEDO
Unidade de Execução de
Pesquisa de Âmbito
Estadual de Penedo.

SISTEMAS DE PRODUÇÃO
PARA FEIJÃO ISOLADO E
CONSORCIADO COM MILHO

REVISADOS E
ATUALIZADOS

EMBRATER
Empresa Brasileira de
Assistência Técnica e
Extensão Rural

EMBRAPA
Empresa Brasileira de
Pesquisa Agropecuária

Maceió
Abril - 1980

SÉRIE SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Boletim nº 185

EMATER-AL/COPER/ASSEF

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Alagoas/Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Penedo.

Sistema de produção para feijão isolado e consorciado com o milho. Revisado e atualizado. Maceió, 1980.

27 p. map. (Sistemas de Produção. Boletim, 185).

CDU 631.11

ENTIDADES PARTICIPANTES

- . EMATER-AL
Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
do Estado de Alagoas

- . EMBRAPA
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

- . EMBRATER
Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Ex-
tensão Rural

- . UEPAE/PENEDO
Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Esta-
dual.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1.	<u>CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTO E DA REGIÃO PRODUTORA</u>	09
1.1	<u>Área de Alcance dos Sistemas</u>	10
2.	<u>SISTEMA DE PRODUÇÃO Nº 1</u>	12
2.1	<u>Operações que formam o sistema</u>	12
2.2	<u>Recomendações Técnicas</u>	13
2.2.1	Preparo e Conservação do solo ...	13
2.2.2	Fertilização	13
2.2.3	Plantio	14
2.2.3.1	Época	14
2.2.3.2	Cultivares.....	14
2.2.3.3	Espaçamento	14
2.2.4	Tratos Culturais	15
2.2.4.1	Controle de ervas daninhas ...	15
2.2.4.2	Tratos Fitossanitários	15
2.2.5	Colheita e trilhagem	15
2.2.6	Armazenamento	16
2.3	<u>Coefficientes Técnicos por hectare</u> ...	17
3.	<u>SISTEMA DE PRODUÇÃO Nº 02</u>	18
3.1	<u>Operações que formam o sistema</u>	18
3.2	<u>Recomendações Técnicas</u>	18
3.2.1	Preparo e Conservação do solo ...	18
3.2.2	Fertilização	19
3.2.3	Plantio	19
3.2.3.1	Época	19
3.2.3.2	Cultivares	20
3.2.3.3	Espaçamento	20
3.2.4	Tratos Culturais	21
3.2.4.1	Controle de ervas daninhas ...	21
3.2.4.2	Tratos Fitossanitários	21
3.2.5	Colheita e Trilhagem	21
3.2.6	Armazenamento	22
3.3	<u>Coefficientes técnicos por hectare</u> ..	23
4	<u>RELAÇÃO DE PESTICIDAS</u>	24
5	<u>PARTICIPANTES DO ENCONTRO</u>	26

A P R E S E N T A Ç Ã O

O documento espelha a opinião de um grupo representativo de extensionistas, pesquisadores e produtores, que durante os dias 17 e 18 de abril de 1980, discutiram e chegaram a conclusões sobre a melhor maneira de cultivar o feijão isoladamente e/ou consorciado com milho.

O encontro, coordenado pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Alagoas (EMATER-AL) e a Unidade de Execução de Pesquisas de Âmbito Estadual de Penedo (UEPAE), foi realizado no município de Santana do Ipanema, local este considerado o polo mais importante de produção de feijão do Estado.

Os dois sistemas de produção existentes foram analisados com bastante esmero, determinando-se as práticas mais viáveis de aplicação. Constituem, antes de tudo um somatório de experiências dos três grupos específicos de extensionistas, pesquisadores e produtores.

Fica-nos agora, a tarefa de todos, no sentido de observar e testar o conjunto de práticas recomendadas e sua difusão com os produtores da região.

1. CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTO E DA REGIÃO PRODUTORA

No Estado de Alagoas, a cultura do feijão de arranca ou mulatinho (*Phaseolus vulgaris*), como é conhecido, ocupa uma das mais importantes colocações no contexto produtivo agrícola.

Sua importância reside não só na extensão da área cultivada como no Valor Bruto da Produção (VBP). Some-se a isto a inegável participação significativa na dieta alimentar do alagoano e do nordestino de uma maneira geral.

Em que pese as constantes irregularidades climáticas que ocorrem na região produtora, a área de cultivo vem aumentando ano a ano, segundo consta em levantamentos da FIBGE. Assim sendo tivemos em 1979 uma área cultivada de 150.000 ha. Por sua vez, a produção também experimentou um significativo aumento, contudo, com taxa geométrica de crescimento proporcionalmente em menor escala a da área. Evidencia-se desta forma, que a produtividade da cultura vem apresentando taxa geométrica negativa.

O esgotamento das terras e a manutenção de uma tecnologia tradicional, tem diminuído sensivelmente os índices de rendimento da cultura, o que leva setores ligados ao assunto a buscarem caminhos que desemboquem em aumentos destes índices.

No que diz respeito à localização, a cultura praticamente existe em todo o Estado. Todavia, sua maior concentração situa-se nas microrregiões do Sertão Alagoano (113) e Batalha (14) que

participam com cerca de 63% da produção e 68% da área cultivada.

1.1 - Área de Alcance dos Sistemas

Para os sistemas de produção preconizados considerou-se uma área que abrange dezenove municípios localizados nas duas microrregiões seguintes:

- a) Sertão Alagoano(113) - Delmiro Gouveia, Água Branca, Mata Grande, Olho D'Água do Casado, Piranhas, Canapí e Inhapi.
- b) Batalha(114) - Pão de Açúcar, São José da Tapera, Carneiros, Olivença, - Olho D'Água das Flores, Santana do Ipanema, Dois Riachos, Ouro Branco, Maravilha, Poço das Trincheiras, Palestina e Monteirópolis.

2. SISTEMA DE PRODUÇÃO Nº 01

A categoria de produtores rurais que se enquadra neste sistema, planta feijão isolado, são receptivos à introdução de tecnologias inovadoras e têm acesso ao crédito rural.

Dentre as práticas utilizadas sobressaem-se pelo uso de mecanização à tração animal - ou motora, além da fertilização do solo com adubo orgânico e/ou químico.

A amplitude de faixa de áreas utilizadas com a cultura é bastante grande. Contudo, a maioria situa-se entre 20 a 50 ha, podendo chegar até 300 ha.

No que diz respeito à posse e uso da terra, grande parte dos produtores são proprietários, existindo também um pequeno percentual de arrendatários. Entretanto, muitos destes proprietários não têm suas terras legalizadas.

A produção esperada com a adoção do sistema é de 1.080 kg (18 sacos) por hectare.

2.1 - Operações que formam o Sistema

- a) Preparo e Conservação do Solo
- b) Fertilização
- c) Plantio
- d) Tratos Culturais:
 - . Controle de ervas daninhas
 - . Tratos Fitossanitários
- e) Colheita e Trilhagem
- f) Armazenamento e Conservação do Pro-

duto.

2.2 - Recomendações Técnicas

2.2.1 - Preparo e Conservação do Solo

Como a maioria das áreas já foram cultivadas anteriormente, a primeira operação consiste em roçar o mato do terreno à foice ou utilizando do roçadeira mecânica.

A aração pode ser feita com arado de aiveca à tração animal ou utilizando grade tracionada por trator. No segundo caso a aradura deve ser feita em função da textura e topografia da área, com a profundidade variando entre 10 e 15 cm. A época propícia para esta atividade deverá coincidir com as primeiras chuvas do inverno.

Em áreas com declividade considerável, tanto a aração quanto a gradagem deverão ser efetuadas no sentido contrário à descida das águas, como medida conservacionista do solo.

2.2.2 - Fertilização

Recomenda-se a fertilização do solo com adubo orgânico e químico. A adubação orgânica deve ser feita com esterco de curral, bem curtido, logo após o roço e antes da aração. A proporção aconselhada é de 4 a 6 t por hectare. Distribua-se o esterco uniformemente por toda a área, para que o mesmo seja devidamente incorporado ao solo quando da aração.

A adubação química pode ser feita de acordo com os resultados da análise do solo. Como

fórmula básica para a região, recomenda-se 0-60-0 em fundação, complementando a adubação orgânica.

2.2.3 - Plantio

2.2.3.1 - Época: a ser realizada no início do inverno, que coincide geralmente com o mês de maio.

2.2.3.2 - Cultivares: procurar utilizar sementes selecionadas dos cultivares "Rim-de-Porco", "Vagem-Roxa" ou "Lages". Em caso de utilização de sementes próprias, orienta-se efetuar uma catação manual para eliminar as sementes defeituosas e doentes. As sementes deverão ser tratadas com produto de acordo com a tabela em anexo e seguindo as dosagens recomendadas pelo fabricante. Finalmente recomenda-se efetuar o teste de germinação antes do plantio.

2.2.3.3 - Espaçamento: o espaçamento adequado é 0,50 x 0,20 quando o plantio for mecânico (tração animal ou motora) para todos os cultivares recomendados, deixando-se 12 a 15 sementes por metro linear. Quando o plantio for manual (com "matraca") o espaçamento recomendado é de 0,60 x 0,20 para os cultivares "Rim-de-Porco" e "Lages" e 0,50 x 0,20 para "Va Roxa", deixando-se 2 a 3 sementes por cova. O plantio deverá ser no sentido contrá-

rio à descida das águas nos terrenos de clivosos, como medida conservacionista do solo.

2.2.4 - Tratos Culturais

2.2.4.1 - Controle de ervas daninhas: tecnicamente recomenda-se usar o cultivador para realizar as limpas entre 15 e 25 dias - após a germinação. Complementa-se a limpa com enxada efetuando a amontoa.

2.2.4.2 - Tratos Fitossanitários: procurar combater as pragas (quimicamente) comuns na região apenas quando o percentual de infestação for significativo. Desde que possível fazer aplicações localizadas de acordo com a intensidade do ataque. No que diz respeito às doenças mais comuns que atacam o feijoeiro, antracnose e ferrugem, orienta-se fazer pulverização química preventiva, apenas em áreas que apresentaram ataque das citadas moléstias, em anos anteriores. Os defensivos a serem recomendados para pragas e doenças constam em lista anexa.

2.2.5 - Colheita e Trilhagem

A colheita deverá ser feita manualmente quando a maioria das plantas estiverem com as folhas caídas e as vagens em fase de secagem. Uma vez seco, o material é trilhado, preferencialmen-

te com uso de trilhadeira mecânica. Na ausência de trilhadeira mecânica a operação pode ser feita através de "batedura a cacete".

2.2,6 - Armazenamento

Os grãos deverão ser armazenados quando apresentarem em torno de 13% de umidade ou quando estiverem no "ponto de quebrar no dente", em locais arejados e secos.

Antes do armazenamento deve-se retirar do depósito todos os restos da safra anterior para evitar possíveis focos de infestação. Em seguida faz-se uma pulverização ou polvilhamento em toda a área, com atenção especial para os cantos de paredes, vigas e orifícios que possam esconder - gorgulhos ou traças, com inseticidas específicos.

Os grãos devem ser expurgados com produtos a base de fosfina na dosagem recomendada (vide relação anexa). Os sacos contendo os grãos são então desinfestados com um polvilhamento ou pulverização externa, empregando-se produtos a base de Malathion a 2%.

2.3 - Coeficientes Técnicos por hectare

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	QUANTID.
a) <u>ADAPTAÇÃO DO TERRENO</u>		
Roço, encoivramento e queima	d.s.h	8,0
b) <u>PREPARO DO SOLO</u>		
Distribuição de esterco	d.s.h	1,5
Distribuição de adubo químico (manual)	d.s.h	2,0
Aração à tração animal	d.s.h*	1,5
c) <u>PLANTIO</u>		
Tração animal (plantio e adubação)	d.s.h*	1,0
Manual	d.s.h*	2,5
d) <u>TRATOS CULTURAIS</u>		
Capina c/cultivador	d.s.h*	0,7
Capina manual	d.s.h	7,0
Aplicação de pesticidas	d.s.h	3,0
e) <u>COLHEITA</u>		
Arrancar /amontoar	d.s.h	5,0
Transporte interno	d.s.h*	1,0
Trilhagem mecânica	saco	18,0
Batedura manual	saco	18,0
Limpeza e secagem	d.s.h	2,0
f) <u>INSUMOS</u>		
Sementes	kg	55
Adubo Orgânico	t	4 a 6
Adubo Químico	kg	140,0
Defensivos	l	3,0
Sacaria	saco	18,0
g) <u>PRODUÇÃO</u>	saco	18

* Diárias com preço superior ao normal em função da especialização do serviço e/ou dos implementos e animais utilizados.

3. SISTEMA DE PRODUÇÃO Nº 02

Os produtores que se enquadram neste sistema, cultivam feijão consorciado com milho, sendo o feijão, o produto principal e com uma população cerca de três vezes maior que o milho. São receptivos à introdução de tecnologias inovadoras e têm acesso ao crédito rural.

A concentração de faixa de área utilizada com o consórcio situa-se entre 1 e 20 ha.

A maioria dos produtores são proprietários, existindo um pequeno percentual de arrendatários. Entretanto muitos dos proprietários não têm suas terras devidamente legalizadas.

A produção esperada com a adoção do sistema é de 900 kg (15 sacos) de feijão e 480 kg (08 sacos) de milho por hectare.

3.1 - Operações que formam o sistema

- a) Preparo e Conservação do Solo
- b) Fertilização
- c) Plantio
- d) Tratos Culturais:
 - . Controle de ervas daninhas
 - . Tratos Fitossanitários
- e) Colheita e Trilhagem
- f) Armazenamento e Conservação do Produto.

3.2 - Recomendações Técnicas

3.2.1 - Preparo e Conservação do Solo

Em virtude da maioria das áreas terem sido cultivadas anteriormente, a primeira operação

consiste em roçar o mato do terreno à foice.

A aração pode ser feita com arado de ai veca à tração animal ou utilizando grade traciona da por trator. No segundo caso, a aradura deve ser feita em função da textura e topografia da área, com a profundidade variando entre 10 e 15 cm.

A época ideal para esta atividade deverá coincidir com as primeiras chuvas de inverno.

Em áreas com declividade considerável, tanto a aração quanto a gradagem deverão ser efetuadas no sentido contrário à descida das águas, como medida conservacionista do solo.

3.2.2 - Fertilização

Recomenda-se a fertilidade do solo com adubo orgânico e químico. A adubação orgânica de verá ser feita com esterco de curral bem curtido, logo após o roço e antes da aração. A proporção-aconselhada é de 4 a 6 t por hectare. Distribue-se o esterco uniformemente por toda a área, para que o mesmo seja devidamente incorporado ao solo quando da aração.

A adubação química será feita de acordo com os resultados da análise do solo. Como fórmula básica para a região, recomenda-se 0-60-0 em fundação, complementando a adubação orgânica.

3.2.3 - Plantio

3.2.3.1 - Época: o milho deverá ser plantado na se gunda quinzena de abril, podendo se estender até a primeira quinzena de maio. O feijão deverá ser plantado durante o

decorrer de maio. Considerações estas, para anos normais de chuva.

3.2.3.2 - Cultivares: procurar utilizar sementes selecionadas para o feijão dos seguintes cultivares: Rim-de-Porco, Vagem Roxa e Lages, enquanto que o cultivar indicado para o milho é o centralmex. Em caso de utilização de sementes próprias, orienta-se efetuar uma catação manual para eliminar as sementes defeituosas e doentes. As sementes deverão ser tratadas com produtos de acordo com tabela em anexo e seguindo as dosagens recomendadas pelo fabricante. Recomenda-se efetuar o teste de germinação antes do plantio.

3.2.3.3 - Espaçamento: o milho deve ser plantado com 2,5 metros entre linhas deixando-se duas plantas a cada 40 cm. O feijão deverá ser plantado entre linhas de milho com espaçamento segundo os cultivares. O espaçamento adequado é de 0,50 x 0,20 m quando o plantio for mecânico (tração animal ou motora) para todas as cultivares recomendadas, deixando-se 12 a 15 sementes por metro linear. Quando o plantio for manual (com "matraca") o espaçamento recomendado é de 0,60 x 0,20 m para os cultivares Rim-de-Porco e Lages e 0,50 x 0,20 m para o Vagem Roxa, deixando-se 2 a 3 sementes por cova.

O plantio deverá ser em sentido contrário à descida das águas nos terrenos de clivosos, como medida conservacionista do solo.

3.2.4 - Tratos Culturais

3.2.4.1 - Controle de ervas daninhas: recomenda-se usar o cultivador para realizar as limpas entre 15 e 25 dias após a germinação. Complementa-se a limpa com enxada efetuando a amontoa.

3.2.4.2 - Tratos Fitossanitários: procurar combater quimicamente as pragas comuns na região apenas quando o percentual de infestação for significativo. Desde que possível, fazer aplicações localizadas de acordo com a intensidade do ataque. Com relação às doenças mais comuns que atacam o feijoeiro, antracnose e ferrugem, orienta-se fazer pulverização química preventiva apenas nas áreas que apresentaram ataque das citadas moléstias em anos anteriores.

Os defensivos a serem recomendados para pragas e doenças constam em lista anexa.

3.2.5 - Colheita e Trilhagem

A colheita do feijão deverá ser feita manualmente quando a maioria das plantas estiverem com as folhas caídas e as vagens em fase de seca-

gem. Uma vez seco o material é trilhado, preferivelmente com uso de trilhadeira mecânica. Na ausência de trilhagem mecânica a operação pode ser feita através de "batedura a cacete".

Já as plantas de milho deverão ser viradas e dobradas quando as espigas estiverem maduras, em setembro ou outubro aproximadamente. A colheita realizar-se-á manualmente no mês de novembro quando os grãos tiverem aproximadamente com um total de umidade de 15%. A seguir as espigas serão trilhadas mecanicamente.

3.2.6 - Armazenamento

Os grãos de feijão, como do milho, deverão ser armazenados quando apresentarem em torno de 13% de umidade, em locais arejados e secos. No caso do feijão, diz-se que os grãos estão secos quando se encontrarem no "ponto de quebrar no dente".

Antes do armazenamento deve-se retirar do depósito todos os restos da safra anterior para evitar possíveis focos de infestação. Em seguida faz-se uma pulverização ou polvilhamento em toda a área, com atenção especial para os cantos de paredes, vigas e orifícios que possam esconder gorgulhos ou traças, com inseticidas específicos.

Os grãos devem ser expurgados com produtos a base de fosfina na dosagem recomendada (ver relação anexa). Os sacos contendo os grãos são então desinfestados com um polvilhamento ou pulverização externa, empregando-se produtos a base de Malathion a 2%.

3.3 - Coeficientes Técnicos por hectare
Feijão e Milho (Consórcio)

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	QUANT.
a) <u>ADAPTAÇÃO DO TERRENO:</u>		
Roço, encoivramento e queima	d.s.h.	8,0
b) <u>PREPARO DO SOLO:</u>		
Distribuição do esterco	d.s.h.	1,5
Dist. do adubo químico (manual)	d.s.h.	2,0
Aração à tração animal	d.s.h.*	1,5
c) <u>PLANTIO:</u>		
Manual de feijão	d.s.h.*	1,5
Manual de milho	d.s.h.*	1,0
Tração animal (plantio e adub. somente p/feijão)	d.s.h.*	0,7
d) <u>TRATOS CULTURAIS:</u>		
Capina c/cultivador	d.s.h.*	0,7
Capina manual	d.s.h.	7,0
Aplicação de defensivos	d.s.h.	3,0
e) <u>COLHEITA:</u>		
Feijão (arrancar e amontoar)	d.s.h.	4,0
Transp. interno do feijão	d.s.h.*	0,5
Dobrar o milho	d.s.h.	0,5
Colheita do milho	d.s.h.	2,0
Transp. interno do milho	d.s.h.*	0,5
Trilhagem mecânica	saco	23,0
Batedura manual	saco	23,0
Limpeza e secagem	d.s.h.	2,0
f) <u>INSUMOS:</u>		
<u>Sementes:</u>		
Feijão	kg.	36,0
Milho	kg.	6,0
Defensivos	l	3,0
Adubo orgânico	t	4 a 6
Adubo químico	kg.	140,0
Sacaria	saco	23,0
g) <u>PRODUÇÃO:</u>		
Feijão	saco	15,0
Milho	saco	8,0

* Diárias com preço superior ao normal em função da especialização do serviço e/ou dos implementos e animais utilizados.

4. RELAÇÃO DE PESTICIDAS

a) TRATAMENTO DE SEMENTES:

- Rhodiauram
- Nitrosan
- Brassicol PS
- Aldrin
- Arasan 75

b) PRAGAS:

Milho:

- Toxaphene
- Folidol 60
- Malatol
- Carbaryl
- Decis

Feijão:

- Rhodiatox 5%
- Lannate
- Decis
- Folidol

c) DOENÇAS:

Feijão:

- Antracnose: - Antracol
- Manzate - D
- Ferrugem: - Plantvax
- Maneb
- Antracol
- Manzate - D

d) EXPURGO DE GRÃOS:

- Phostoxin
- Gastoxin
- Delícia
- Brometo de Metila

e) DESINFESTAÇÃO DE GRÃOS E DA UNIDADE ARMAZE-
NADORA:

- Malagran
- Shellígran

5. PARTICIPANTES DO ENCONTRO

TÉCNICOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO

RURAL:

1 - Aloisio Gomes Pereira	EMATER-AL.
2 - Angevaldo Peixoto da Rocha	"
3 - Antonio Limeira da Cruz	"
4 - Everaldo de Castro	"
5 - Hélio Barbosa Costa	"
6 - José Erinaldo Correia Diniz	"
7 - José Hiliônio Duarte	"
8 - José Nunes de Lima	"
9 - José Valdir de Sousa	"
10 - José Valmiro Gomes da Costa	"
11 - Marcos Antonio Dantas de Oliveira	"
12 - Moisés de Sousa Oliveira	"
13 - Pedro Juarez Correia Diniz	"
14 - Ricardo Luiz Rocha Ramalho Cavalcanci	"
15 - Rui Palmeira Medeiros	"
16 - Sebastião Alexandre dos Santos	"
17 - Sebastião Barbosa Filho	"
18 - Severino de Oliveira Nunes	"
19 - Valdomiro Batista dos Santos	"

TÉCNICOS DE PESQUISA:

1 - Antonio José da Cunha Chagas	EMBRAPA/D.D.T. NE
2 - Denis Medeiros dos Santos	UEPAE/PENEDO
3 - Israel Alexandre Pereira Filho	UEPAE/PENEDO
4 - José Fernando Melo	" "
5 - José William Veras Lemos	" "

- | | |
|---------------------------------------|--------------|
| 6 - Marcondes Maurício de Albuquerque | UEPAE/PENEDO |
| 7 - Maria de Fátima Barbosa Coelho | CECA/UFAL |
| 8 - Reginaldo Vieira | UEPAE/PENEDO |

PRODUTORES RURAIS

- | | |
|------------------------------------|------------------------|
| 1 - Antonio Valério Pereira | S. J. da Tapera |
| 2 - Arnor Alves Ramalho | P. das Trincheiras |
| 3 - Benício de Novais Melo | Dois Riachos |
| 4 - Cícero Alves dos Santos | Maravilha |
| 5 - Clovis Agra Nobre | O.D'Água das Flores |
| 6 - Dioclécio Júlio da Silva | S. do Ipanema |
| 7 - Edmundo R. Damasceno | S. do Ipanema |
| 8 - Everaldo Júlio da Silva | S. do Ipanema |
| 9 - Fernandino de Fréitas | Dois Riachos |
| 10 - Flamarion R. Damasceno | S. do Ipanema |
| 11 - Francisco Machado Filho | S.J. da Tapera |
| 12 - Genival Augustinho dos Santos | Canapí |
| 13 - Ismar Domingos Vieira | S. do Ipanema |
| 14 - José Genésio dos Santos | Água Branca |
| 15 - Júlio Veríssimo da Silva | S. do Ipanema |
| 16 - Manoel Soares de Melo | Olho D'Água das Flores |
| 17 - Mauro Jorge | Dois Riachos |
| 18 - Noel Alves dos Santos | Maravilha |
| 19 - Osvaldo Valério Pereira | S. J. da Tapera |
| 20 - Paulo Izidoro Justino | P. das Trincheiras |
| 21 - Rafael Alves Costa | S. do Ipanema |
| 22 - Severino Ferreira Lima | Dois Riachos |
| 23 - Severino Salvino da Silva | Dois Riachos |